



230

CEO NARCISISTA E OS PRINCIPAIS ASSUNTOS DE AUDITORIA NAS EMPRESAS LISTADAS NA BOLSA BRASILEIRA

Aluno Mestrado/MSc. Student Genival Vila Nova, Aluno Mestrado/MSc. Student Sílio Jackson Apolonio Paula, Aluno Doutorado/Ph.D. Student Lorena Costa de Oliveira Mello, Doutor/Ph.D. Marcia Martins Mendes De Luca

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brazil

Aluno Mestrado/MSc. Student Genival Vila Nova

Programa de Pós-Graduação/Course

Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria

Aluno Mestrado/MSc. Student Sílio Jackson Apolonio Paula

Programa de Pós-Graduação/Course

Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria

Aluno Doutorado/Ph.D. Student Lorena Costa de Oliveira Mello

Programa de Pós-Graduação/Course

Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria

Doutor/Ph.D. Marcia Martins Mendes De Luca

Programa de Pós-Graduação/Course

Programa de Pós-graduação em Administração e Controladoria

Resumo/Abstract

Fundamentada na Teoria do Alto Escalão, a influência do CEO narcisista na organização, pode repercutir negativa ou positivamente em diversas atividades, como a ocorrência de fraudes em balanços, a ampliação do risco e a fragilização dos controles internos, que se levam em conta por ocasião dos trabalhos da auditoria independente, podendo refletir-se na divulgação dos principais assuntos de auditoria (PAAs), contidos no relatório de auditoria independente. Nesse sentido, esta pesquisa analisa a relação entre o CEO narcisista e os registros dos PAAs divulgados no relatório dos auditores independentes das empresas listadas na B3 S/A Brasil, Bolsa, Balcão, abrangendo o período 2016-2019. Para a análise dos dados, utilizou-se estatística descritiva, análise de correlação e regressão pelo método dos mínimos quadrados ordinários com erros-padrão robustos e controle para ano e setor. Os resultados das regressões revelam uma relação estatisticamente significativa entre o CEO narcisista e os registros dos PAAs, divulgados no relatório dos auditores independentes das empresas da amostra, sugerindo que a presença de traços de personalidade narcisista no CEO influencia o ambiente da empresa, tornando-o fragilizado e aumentando os riscos identificados pelos auditores que são



divulgados no relatório de auditoria. Identificou-se também uma relação estatisticamente significativa entre o CEO narcisista e os registros dos PAAs em nível da entidade, demonstrando que os traços desse tipo de personalidade influenciam o ambiente de controle interno da empresa e, conseqüentemente, a identificação dos PAAs. Não foi identificada relação estatisticamente significativa entre o CEO narcisista e os registros dos PAAs em nível de conta.

Modalidade/Type

Artigo Científico / Scientific Paper

Área Temática/Research Area

Auditoria e Tributos (AT) / Auditing and Tax

CEO NARCISISTA E OS PRINCIPAIS ASSUNTOS DE AUDITORIA NAS EMPRESAS LISTADAS NA BOLSA BRASILEIRA

RESUMO

Fundamentada na Teoria do Alto Escalão, a influência do CEO narcisista na organização, pode repercutir negativa ou positivamente em diversas atividades, como a ocorrência de fraudes em balanços, a ampliação do risco e a fragilização dos controles internos, que se levam em conta por ocasião dos trabalhos da auditoria independente, podendo refletir-se na divulgação dos principais assuntos de auditoria (PAAs), contidos no relatório de auditoria independente. Nesse sentido, esta pesquisa analisa a relação entre o CEO narcisista e os registros dos PAAs divulgados no relatório dos auditores independentes das empresas listadas na B3 S/A Brasil, Bolsa, Balcão, abrangendo o período 2016-2019. Para a análise dos dados, utilizou-se estatística descritiva, análise de correlação e regressão pelo método dos mínimos quadrados ordinários com erros-padrão robustos e controle para ano e setor. Os resultados das regressões revelam uma relação estatisticamente significativa entre o CEO narcisista e os registros dos PAAs, divulgados no relatório dos auditores independentes das empresas da amostra, sugerindo que a presença de traços de personalidade narcisista no CEO influencia o ambiente da empresa, tornando-o fragilizado e aumentando os riscos identificados pelos auditores que são divulgados no relatório de auditoria. Identificou-se também uma relação estatisticamente significativa entre o CEO narcisista e os registros dos PAAs em nível da entidade, demonstrando que os traços desse tipo de personalidade influenciam o ambiente de controle interno da empresa e, conseqüentemente, a identificação dos PAAs. Não foi identificada relação estatisticamente significativa entre o CEO narcisista e os registros dos PAAs em nível de conta.

Palavras-chave: CEO narcisista. Principais assuntos de auditoria. Teoria do Alto Escalão.

1 INTRODUÇÃO

O narcisismo é um traço de personalidade presente em muitos indivíduos (Foster & Campbell, 2007), e está relacionado a megalomania, necessidade de admiração, falta de empatia (D'Souza, Aragão, & De Luca, 2018), autoestima elevada, autoimportância exagerada, vaidade, egoísmo, busca de atenção (Morf & Rhodewalt, 1993) e, ainda, ao desempenho organizacional volátil e extremo (Chatterjee & Hambrick, 2007).

No âmbito organizacional, diversos estudos foram realizados com o objetivo de analisar o efeito dos traços de personalidade narcisista do CEO, suas ações, decisões ou as informações que são evidenciadas pela empresa cujo gestor possui traços de narcisismo (Araújo, Góis, De Luca, & Lima, 2020; Chatterjee & Hambrick, 2007; D'Souza *et al.*, 2018; Lima, De Luca, Lima, & Vasconcelos, 2020; Silva, Cunha, & D'Souza, 2020).

De acordo com a Teoria do Alto Escalão, características cognitivas, valores e percepção dos altos executivos podem influenciar as decisões estratégicas (Hambrick & Mason, 1984). Dentre essas características, destacam-se aquelas inerentes ao narcisista. Um CEO narcisista geralmente apresenta uma imagem de ser humano grandioso, com ar de superioridade ilimitada, demonstrando arrogância, prepotência e comportamento presunçoso (Faffouta, 2019).

O efeito dos traços de personalidade narcisista do CEO no ambiente empresarial possui duas vertentes na literatura. A primeira delas demonstra que CEOs com traços de personalidade narcisista buscam novos desafios e estão dispostos a ampliar o risco e transferir

para a organização comportamentos, desafios e ações destinadas à ampliação dos seus negócios (Chatterjee & Hambrick, 2007). A segunda vertente, por sua vez, tem evidenciado que os CEOs narcisistas são mais propensos a atuar de forma fraudulenta (Rijsenbilt & Commandeur, 2013) e a agir contra os regulamentos e regras (Johnson, Kuhn, Apostolou, & Hassell, 2013; Olsen & Stekelberg, 2016).

Nesse contexto, a ação do CEO narcisista pode influenciar negativamente o ambiente de controle interno, tornando-o fragilizado (Judd, Olsen, & Stekelberg, 2017), impactando a mensuração e divulgação das demonstrações contábeis, tendo em vista, inclusive, a intenção de apresentar uma situação que, na realidade, não existe. Dessa forma, e dada a sua propensão a riscos e a agir contra as regras, o CEO narcisista pode tomar decisões como, por exemplo, mudar o reconhecimento de receitas, substituir ou diferir despesas, registrar situações ocorridas no período fiscal atual como se fossem de períodos anteriores, apresentando resultados fictícios que impactam as decisões dos *stakeholders* (Anderson & Tirrel, 2004).

Ressalta-se, assim, que o narcisismo é considerado uma característica capaz de contribuir para aumentar o risco organizacional (Buyl, Boone, & Wade, 2019), haja vista que o CEO narcisista é mais propenso a se arriscar e a se aventurar (Campbell, Hoffman, Campbell, & Marchisio, 2011), aumentando, na empresa que conta com CEO narcisista, a probabilidade de exibir um risco inerente e de controle (Judd *et al.*, 2017), o que impacta o trabalho do auditor, que tem por objetivo obter segurança razoável de que as demonstrações contábeis estejam livres de distorção relevante (Conselho Federal de Contabilidade, 2016), além de identificar e divulgar os PAAs no relatório de auditoria independente.

Os PAAs são os itens que mais se destacaram no trabalho da auditoria, comunicados às partes interessadas para melhor compreensão da responsabilidade dos auditores independentes e da gestão da empresa (Conselho Federal de Contabilidade, 2016). Tais assuntos dizem respeito às áreas avaliadas como de maior risco de distorção relevante ou de risco significativo identificado, julgamentos significativos do auditor relativos às áreas das demonstrações contábeis que também envolveram julgamento significativo por parte da administração, inclusive estimativas contábeis identificadas que apresentam alta incerteza de confirmação e efeito sobre a auditoria de fatos ou transações significativas ocorridos durante a auditoria (Conselho Federal de Contabilidade, 2016).

Os PAAs podem ser categorizados, destacando-se os aspectos que dizem respeito à entidade, em que se classificam riscos identificados quanto à mudanças de regras contábeis, aquisição, legislação e regulamentação, sistema de controles internos, sistemas computadorizados e outros temas, além daqueles que dizem respeito a itens específicos das demonstrações contábeis, no nível de conta, relacionados a receitas, despesas, intangíveis, inventários, abatimentos a fornecedores e outros (Li, Hay & Lau, 2019; Mello, Araújo, & De Luca, 2020; Sierra-García, Gambetta, García-Benau, & Orta-Pérez, 2019).

Algumas pesquisas realizadas no âmbito da auditoria independente relacionaram a auditoria e as características do CEO, incluindo o narcisismo, vinculadas às atividades de fraude, gerenciamento de resultados, falta de cumprimento das regras e regulamentos, ambiente regulatório (Apostolou, Hassell, Webber, & Sumners, 2001; Boyle, DeZoort, & Hermanson, 2015; Hammersley, 2011; Heiman-Hoffman, Morgan, & Patton, 1996; Johnson *et al.*, 2013; Judd *et al.*, 2017; Santos, Guerra, Marques, & Júnior, 2020) e outras, revelando o impacto desses gestores no risco e na governança. Entretanto, não foram encontrados estudos que analisem os riscos divulgados pelos auditores independentes (PAAs), tanto em nível de entidade (ambiente de controle da empresa) como em nível de conta (itens específicos das demonstrações contábeis) e os CEO narcisistas.

Diante do exposto, indaga-se: Qual a relação entre o CEO narcisista e o registro dos principais assuntos de auditoria? Este estudo tem como objetivo geral analisar a relação entre o CEO narcisista e os registros dos PAAs divulgados no relatório dos auditores independentes

das empresas listadas na B3 S/A Brasil, Bolsa, Balcão. Adicionalmente, analisou-se a relação entre o CEO narcisista e os registros dos PAAs por categoria de risco em nível de conta e em nível de entidade.

Existem trabalhos cujos construtos envolvem a figura do CEO e os traços de personalidade atribuídos aos referidos executivos, associados a diversos temas, destacando-se estratégias, custo de auditoria, gerenciamento de resultados, prática de negócios arriscados (Judd *et al.*, 2017; Kontesa, Brahmana, & Tong, 2021; Lima *et al.*, 2020; Silva *et al.*, 2020) e outros, mas ainda não foi identificado estudo que apresente a relação entre o CEO narcisista e os registros PAAs, inclusive por categoria em nível de conta e em nível de entidade, reforçando a mencionada lacuna de pesquisa.

Este estudo se justifica, portanto, pela contribuição que os resultados dessa relação podem proporcionar à ocupação de mais um espaço de pesquisa sobre o tema, tanto no ambiente da auditoria independente como no campo de interesse da personalidade dos gestores. Além disso, no campo prático, destaca-se a importância de apresentar elementos para análise e decisões sobre o risco, em nível de conta e em nível de entidade, para auditores e empresas auditadas conduzidas por CEOs com traços de personalidade narcisista.

2 REVISÃO TEÓRICA E HIPÓTESE DA PESQUISA

O termo narcisismo é de origem grega, está relacionado ao personagem mitológico Narciso, que se apaixonou pelo seu reflexo em um lago (O'Reilly, Caldwell, Chatman, & Doerr, 2014), e caracteriza indivíduos com traços de personalidade que demonstram ter elevada autoestima, combinada com baixa empatia, necessidade de admiração, vaidade, egoísmo e busca de atenção (D'Souza *et al.*, 2018; Miller & Campbell, 2008; Morf & Rhodewalt, 1993). Apoiados nesses traços de personalidade, os narcisistas atribuem os resultados negativos a outras pessoas, e se vangloriam pelos resultados positivos obtidos a partir de suas atividades (Campbell & Foster, 2002).

O narcisismo é, portanto, um traço de personalidade detectado em indivíduos arrogantes, os quais apresentam um nível anormalmente elevado de autoestima, por acreditar que são especiais, com direito a louvor e admiração. Percebem os outros como inferiores, muitas vezes agindo de forma insensível e hostil. Essas características comportamentais geralmente se traduzem em relações interpessoais conflitantes e dificultadas pela falta de empatia (Paulhus & Williams, 2002).

Ao relacionar o narcisismo às organizações, alguns estudos apontam para aspectos de personalidade dos líderes que evocam egoísmo, egocentrismo e amor-próprio exagerado, vivendo uma ilusão de que seus problemas são únicos, além de raiva ao ser impedido de realizar seus objetivos, e entenderem que as regras estabelecidas para os outros não se aplicam a eles (Kets de Vries, 1994). Faffouta (2019) identificou ainda as seguintes características presentes na figura do CEO narcisista: grandiosidade e exploração, elevada autoestima, temperamento sensível a recompensas e menor sensibilidade a punição.

Nesse contexto, e fundamentado na Teoria do Alto Escalão, a partir da avaliação das características presentes na figura dos executivos superiores das organizações, desenvolvida por Hambrick e Mason (1984), tem-se que as cognições, os valores e a percepção dos altos gestores, e não apenas os fatores técnicos, financeiros e administrativos, influenciam as decisões estratégicas e, por consequência, os resultados da empresa.

Guiada pela Teoria do Alto Escalão, a literatura tem demonstrado a influência do CEO narcisista em decisões estratégicas, como número e tamanho de aquisições e desempenho empresarial (Chatterjee & Hambrick, 2007), gerenciamento de resultados (Kontesa *et al.*, 2021; Silva *et al.*, 2020), práticas de *tax avoidance* (Araújo *et al.*, 2020) e outras estratégias tributárias (Olsen & Stekelberg, 2016).

Dentre os diversos estudos sobre o tema, destacam-se ainda aqueles que investigam, além da adoção de estratégias arriscadas, algumas vezes pelo não cumprimento de normas e regulamentos (Olsen & Stekelberg, 2016), a ocorrência de fraudes pelo CEO narcisista, conforme demonstrado por Rijsenbilt e Commandeur (2013).

Diante do exposto, conclui-se que a figura do CEO narcisista, a partir dos seus traços de personalidade, influencia os agentes internos e externos, dentre eles os auditores independentes, que, para realizar seu trabalho de asseguarção, necessitam avaliar os riscos inerentes e de controle às atividades da organização, com vistas a definir o grau de confiabilidade das demonstrações contábeis, dos controles internos e do esforço para realização de seus trabalhos (Johnson *et al.*, 2013; Judd *et al.*, 2017), podendo, dessa forma, ter o seu trabalho de identificação e divulgação dos PAAs influenciado pelos traços de personalidade do CEO.

Os PAAs compõem uma das seções do relatório do auditor independente, regulamentada pela Norma Brasileira de Contabilidade – Técnicas de Auditoria – 701 (Conselho Federal de Contabilidade, 2016), com a finalidade de dar mais transparência sobre a auditoria realizada e fornecer informações adicionais aos usuários das demonstrações contábeis.

Os PAAs são itens considerados relevantes durante a auditoria das demonstrações contábeis, de acordo com o julgamento do auditor, e que devem ser comunicados à governança da organização. O auditor deve considerar as áreas avaliadas como de maior risco de distorção relevante ou significativo, efeito sobre a auditoria de fatos ou transações significativas ocorridas durante o trabalho e julgamentos realizados pelo auditor envolvendo o contexto da entidade e da auditoria realizada (Conselho Federal de Contabilidade, 2016).

Sierra-García, Gambetta, García-Benau e Orta-Pérez (2019) classificam os PAAs em dois grupos de risco: em nível de entidade e em nível de conta. Os PAAs em nível de entidade dizem respeito aos riscos da empresa como um todo, relativos, principalmente, a impostos, provisões legais e regulatórias, aquisição, contabilidade, controles e TI (Mello *et al.*, 2020). Os PAAs em nível de conta, por sua vez, referem-se a itens específicos das demonstrações financeiras, como, por exemplo, receitas, intangíveis, imobilizado e equipamentos, planos de pensão, estoques, ativos financeiros, descontos de fornecedores e redução do valor recuperável de ativos (Mello *et al.*, 2020; Sierra-García *et al.*, 2019).

A literatura tem destacado a importância do tema PAAs vinculado a distintas questões no ambiente empresarial. Li *et al.* (2019) investigaram o impacto das mudanças do novo relatório do auditor independente, que passou a contar com a seção de PAAs, bem como os custos da auditoria, usando uma amostra de empresas da Nova Zelândia, concluindo que a qualidade da auditoria melhorou, associada ao aumento dos custos de auditoria para as empresas. Lennox, Schmidt e Thompson (2018) investigaram os PAAs divulgados e a sua relevância para os investidores, identificando-se que, em muitos casos, estes já conheciam as informações divulgadas pela própria empresa auditada, no relatório da auditoria, na seção de PAAs.

A determinação dos assuntos significativos a ser selecionados como PAAs depende de julgamento do auditor, que, para tanto, precisa considerar os riscos identificados da empresa auditada (Lennox *et al.*, 2018; Sierra-García *et al.*, 2019) no nível tanto da demonstração contábil como do ambiente de controle interno em que está inserida a organização.

Alguns estudos relacionados à avaliação dos riscos por parte da auditoria independente identificaram uma relação positiva quanto à influência do CEO na análise e determinação de comportamentos antiéticos e fraudulentos (Boyle *et al.*, 2015; Hammersley, 2011), bem como na análise de características narcisistas do CEO (Johnson *et al.*, 2013; Judd *et al.*, 2017).

Dessa forma, os citados estudos dão indícios da influência do CEO narcisista no aumento da probabilidade de existência de riscos de distorção relevante nas demonstrações contábeis, independentemente de ter sido causado por fraude ou erro, e daqueles relacionados com o ambiente de controles internos da organização, que impactam diretamente o trabalho de auditoria e a divulgação dos PAAs. Diante do exposto, apresentam-se três hipóteses de pesquisa, a saber:

- H₁: Existe relação positiva entre o CEO narcisista e os registros dos PAAs divulgados no relatório de auditoria independente.
- H₂: Existe relação positiva entre o CEO narcisista e os registros dos PAAs em nível de entidade divulgados no relatório de auditoria independente.
- H₃: Existe relação positiva entre o CEO narcisista e os registros dos PAAs em nível de conta divulgados no relatório de auditoria independente.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A população da pesquisa reúne as 483 empresas listadas na B3 S/A Brasil, Bolsa, Balcão em 17/08/2021. Para a composição da amostra, foram excluídas 88 empresas do setor financeiro, considerando-se as características inerentes a esse segmento e suas especificidades, o que poderia provocar distorção nos resultados (Castro, Peleias, & Silva, 2015). Foram ainda excluídas duas empresas que não apresentaram dados de remuneração do CEO (variável narcisismo), bem como outras 293 cujos CEOs tinham menos de quatro anos no exercício do cargo, conforme adotado por Chatterjee e Hambrick (2007) e Judd *et al.* (2017). Em decorrência dessas eliminações, a amostra ficou delimitada em 100 empresas.

O período de análise compreende o quadriênio 2016-2019, considerando-se que a seção que trata dos PAAs nos relatórios dos auditores foi instituída em 2016, com o fechamento do ciclo estabelecido para análise do período mínimo de quatro anos de permanência dos CEOs nas respectivas empresas, ou seja, em 2019.

Destaca-se que o CEO narcisista, variável independente do estudo, é representado pela remuneração do CEO relativizada pelo Ativo, mensurada segundo os estudos de Buyl *et al.* (2019), Judd *et al.* (2017), Kontesa *et al.* (2021) e O'Reilly III *et al.* (2017), em que são associados a essa variável os traços de personalidade relacionados a superioridade e a grandiosidade, apontando que quanto maior for a remuneração, mais elevado é o nível de narcisismo (Judd *et al.*, 2017).

A Tabela 1 apresenta as variáveis do estudo e como elas são operacionalizadas, as fontes de coleta e respectivas bases teóricas.

Tabela 1

Descrição das variáveis, operacionalização, fontes de coleta e bases teóricas

Variável	Operacionalização	Fonte	Base teórica
Dependente			
Principais assuntos de auditoria total (PAAs)	Quantidade dos PAAs	Relatório dos Auditores Independentes	Ferreira e Morais (2020) Gomes, Mello e Gordiano (2020) Lennox <i>et al.</i> (2018) Sierra-García <i>et al.</i> (2019)
Principais assuntos de auditoria em nível da entidade (NEPAAs)	Quantidade dos PAAs em nível da entidade	Relatório dos Auditores Independentes	Lennox <i>et al.</i> (2018) Mello <i>et al.</i> (2020) Sierra-García <i>et al.</i> (2019)
Principais assuntos de auditoria em nível das contas (NCPAAs)	Quantidade dos PAAs em nível das contas	Relatório dos Auditores Independentes	Lennox <i>et al.</i> (2018) Mello <i>et al.</i> (2020) Sierra-García <i>et al.</i>

			(2019)
Independente			
Narcisismo do CEO (NARC)	Razão entre a remuneração anual do CEO e o Ativo	Item 13.11 do Formulário de Referência	Buyl <i>et al.</i> (2019) Judd <i>et al.</i> (2017) Kontesa <i>et al.</i> (2021) O'Reilly III <i>et al.</i> (2017)
Controle			
Firma de auditoria (<i>BigFour</i>)	Variável <i>dummy</i> , sendo 1 (um) para empresa Big Four e 0 (zero) para empresa não Big Four	Relatório dos Auditores Independentes	Gomes <i>et al.</i> (2020); Kontesa <i>et al.</i> (2021) Mello <i>et al.</i> (2020)
Tamanho (TAM)	Logaritmo natural do valor do Ativo	Compustat Global®	Judd <i>et al.</i> (2017) Kontesa <i>et al.</i> (2021)
Retorno Sobre o Ativo (ROA)	Razão entre Lucro Operacional e Ativo	Compustat Global®	Ferreira e Morais (2019) Gomes <i>et al.</i> (2020) Santos <i>et al.</i> (2020)
Crescimento de Vendas (CRESVEN)	Razão entre o valor das vendas do ano atual e o valor das vendas do ano anterior	Compustat Global®	Gomes <i>et al.</i> (2020) Sierra-García <i>et al.</i> (2019)
Endividamento (END)	Razão entre o valor da dívida total (curto e longo prazo) e o valor do Ativo	Compustat Global®	Gomes <i>et al.</i> (2020)

Fonte: Elaborada pelos autores.

Optou-se por utilizar as variáveis de controle Firma de Auditoria (*BigFour*), Retorno Sobre o Ativo (ROA), Crescimento de Vendas (CRESVEN) e Endividamento (END) como fatores determinantes na divulgação dos PAAs, assim como aplicado em outros estudos (Tabela 1).

Inicialmente, foi efetuada uma estatística descritiva das variáveis das empresas da amostra, compreendendo médias, valores mínimos e máximos e desvios-padrão. Posteriormente, realizou-se o teste de correlação das variáveis explicativas com os PAAs, para se medir o grau de correlação entre as variáveis. Por último, foi aplicada a regressão pelo método dos mínimos quadrados ordinários estimados com erros-padrão robustos e controle para ano e setor, utilizando-se a Equação 1.

$$PAA = \beta_0 + \beta_1 NARC + \beta_2 BigFour + \beta_3 TAM + \beta_4 ROA + \beta_5 CRESVEND + \beta_6 END + \varepsilon$$

(Equação 1)

Adicionalmente, e seguindo o estudo de Sierra-García *et al.* (2019), os PAAs foram segregados em dois níveis – PAAs no nível de entidade (NEPAAs) e PAAs no nível de conta (NCPAAs), visando a identificar se o narcisismo do CEO influencia os PAAs reportados nos relatórios de auditoria independente nos dois níveis. Assim, foram realizadas mais duas regressões lineares múltiplas com dados em painel, conforme as Equações 2 e 3.

$$NEPAA = \beta_0 + \beta_1 NARC + \beta_2 BigFour + \beta_3 TAM + \beta_4 ROA + \beta_5 CRESVEND + \beta_6 END + \varepsilon$$

(Equação 2)

$$NCPAA = \beta_0 + \beta_1 NARC + \beta_2 BigFour + \beta_3 TAM + \beta_4 ROA + \beta_5 CRESVEND + \beta_6 END + \varepsilon$$

(Equação 3)

4 ANÁLISE DE RESULTADOS

Inicialmente, realizou-se uma análise descritiva dos dados, a fim de se verificar o seu comportamento. A Tabela 2 apresenta os valores mínimos e máximos, assim como as médias e os desvios-padrão das variáveis do estudo.

Tabela 2
Estatística descritiva das variáveis

Variável	Número de Observações	Média	Mínimo	Máximo	Desvio-Padrão
PAAs	400	2,735	1	6	1,232
NEPAAs	400	1,0625	0	4	0,92
NCPAAs	400	1,6725	0	5	1,064
NARC	400	0,0013	0,00000912	0,007	0,002
BIGFOUR	400	0,725	0	1	0,447
TAM	400	3,5029	1,75	5,258	0,738
ROA	400	0,0666	-0,33	0,538	0,074
END	400	0,6716	0,091	3,527	0,504
CRESVEND	400	0,0969	-0,79	3,005	0,303

Fonte: Elaborada pelos autores.

Os resultados apresentados na Tabela 2, relacionados à variável PAAs, demonstram que as empresas da amostra divulgaram em média 2,73 PAAs nos relatórios de auditoria, sendo estes em sua maioria compostos de itens relacionados a riscos no nível de conta (1,6725), ou seja, ligados ao reconhecimento, mensuração e divulgação das contas contábeis. Esse resultado está em linha com os achados de Gomes *et al.* (2020), que identificaram no período 2016-2018 médias de 2,7 PAAs, 1,18 NEPAAs e 1,52 NCPAAs.

Em relação à variável narcisismo, medida pela remuneração do CEO relativizada pelo Ativo, verificou-se que nas empresas da amostra representa em média 1% do Ativo. A variabilidade dos dados (valor mínimo 0,00000912 e valor máximo 0,007) está de acordo com os achados de Judd *et al.* (2017), que identificaram resultado similar, justificado pela grande variabilidade de tamanhos nas empresas analisadas.

No tocante à variável *BigFour*, verificou-se que, em média, 72,5% das empresas da amostra são auditadas por firma de auditoria do tipo *Big Four*. Isso representa uma concentração acentuada dos trabalhos realizados pelas grandes empresas de auditoria, o que se coaduna com o apurado por Kaveski e Cunha (2016), de que as maiores companhias de capital aberto tendem a contratar as firmas líderes mundiais de auditoria, devido à necessidade de uma chancela internacional nas suas demonstrações contábeis. Em Ferreira e Morais (2020), foi identificado que 71,4% das empresas cotadas em bolsa no Brasil são auditadas por *Big Four*, o que guarda sintonia com o apresentado neste estudo.

Quanto à variável tamanho, medida pelo logaritmo do Ativo, observa-se que as empresas da amostra apresentam um Ativo médio de 3,5029. Esse resultado está em linha com os achados de Gomes *et al.* (2020), que identificaram um Ativo médio no intervalo de 6,36 a 6,39, similar ao obtido neste estudo.

O resultado da variável ROA demonstra que as empresas da amostra apresentaram uma média de 6%. Percebe-se, no entanto, que algumas empresas da amostra amargaram prejuízo, implicando um ROA negativo da ordem de 0,33%. Esse resultado está em linha com os achados de Souza e Nardi (2018), que analisaram a influência da opinião do auditor no

retorno das ações das empresas brasileiras de capital aberto, envolvendo 214 companhias não financeiras, entre 2010 e 2014, e que encontraram um ROA médio variando entre 5% e 9%.

No que tange à variável endividamento, verifica-se um nível médio de 67%, sugerindo que as empresas da amostra têm recorrido à utilização de capital de terceiros para o financiamento de suas operações. Esse resultado está em consonância com os achados de Gomes *et al.* (2020) e de Pinto e Moraes (2019), que encontraram níveis de endividamento similares.

No tocante à variável crescimento de vendas (CRESVEND), identificou-se que no período de 2016 a 2019 as empresas da amostra assinalaram uma média de 9%. Esse resultado corrobora os achados de Góis e Soares (2019).

Em seguida, procedeu-se ao teste de correlação de Pearson, para se verificar os primeiros indicativos de correlação entre as variáveis do modelo, cujos resultados são mostrados na Tabela 3.

Tabela 3
Correlação de Pearson

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1 PAAs	1								
2 NEPAAs	0,543*	1							
3 NCPAAs	0,688*	-0,235*	1						
4 NARC	-0,021	-0,110**	0,070	1					
5 BIGFOUR	0,008	0,060	-0,042	-0,226*	1				
6 TAM	0,197*	0,303*	-0,034	-0,557*	0,517*	1			
7 ROA	-0,09	0,019	-0,028	0,040	0,212*	0,198*	1		
8 END	0,028	0,098**	-0,053	0,076	-0,326*	-0,256*	-0,105**	1	
9 CRESVEND	-0,016	-0,016	0,019	0,020	0,033	0,047	0,194*	-0,072	1

(*) significância de 1%; (**) significância de 5%.

Fonte: Elaborada pelos autores.

De acordo com a Tabela 3, os PAAs em geral e em nível de conta (NCPAAs) não se mostraram significativamente correlacionados com o narcisismo do CEO. Entretanto, a variável PAAs em nível de entidade (NEPAA) demonstrou uma correlação significativa a 5% e negativa, indicando que o CEO narcisista tende a influenciar os PAAs, em consonância com o identificado por Araújo *et al.* (2020) no que se refere ao efeito da gestão conduzida por executivo com traços de personalidade narcisista nas atividades de *tax avoidance* das empresas.

No tocante às variáveis dependentes, nota-se que apresentam correlações moderadas, como é o caso nas relações entre PAAs em geral e PAAs em nível de conta (NCPAAs) e em nível de entidade (NEPAAs), o que é natural, tendo em vista que tratam do mesmo assunto.

Em relação à variável independente, verifica-se uma correlação negativa fraca entre o narcisismo (NARC) do CEO e o tipo de firma de auditoria (*BigFour*), e identifica-se ainda, uma correlação moderada entre o narcisismo e o tamanho (TAM).

Com referência às variáveis dependente e de controle, identificou-se uma correlação positiva e significativa entre PAAs em geral e PAAs em nível de entidade (NEPAAs) e tamanho (TAM). Com relação ao desempenho (ROA), ao endividamento (END) e ao crescimento de vendas (CRESVEND), não há correlação relevante, nem elas possuem significância ao se correlacionar com PAAs, NEPAAs e NCPAAs.

Concluída a análise das associações entre as variáveis por meio da correlação de Pearson, inicia-se a análise para se testar as hipóteses da pesquisa, aplicando-se os testes de regressão pelo método dos mínimos quadrados ordinários com erros-padrão robustos e controle para ano e setor, cujos resultados são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4

Regressão linear múltipla de dados em painel

Variável	Modelo 1 – PAAs		Modelo 2 – NEPAAs		Modelo 3 – NCPAAs	
	Coefficiente	Sig	Coefficiente	Sig	Coefficiente	Sig
NARC	0,118833	0,019**	0,0094482	0,005*	0,0024351	0,549
BIGFOUR	-0,3971352	0,027**	-0,2259924	0,040**	-0,1711428	0,340
TAM	0,65492	0,000*	0,5608657	0,000*	0,0940633	0,406
ROA	-0,8270746	0,331	-1,103579	0,051**	0,2765044	0,731
END	0,1772173	0,205	0,3115468	0,000*	-0,1343295	0,252
CRESCVEND	-0,319614	0,824	-0,0305015	0,784	-0,0014609	0,991
Constante	0,8312727	0,056**	-1,053689	0,000*	1,884962	0,000*
Número de observações	400		400		400	
Teste F	2,88		8,11		3,18	
R ²	0,0931		0,2384		0,0979	
Prob > F	0,0001*		0,0000*		0,0000*	

(*) significância de 1%; (**) significância de 5%.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Analisando-se individualmente os resultados das variáveis, constatou-se uma relação estatisticamente significativa e positiva entre os PAAs e o narcisismo do CEO (NARC), ao nível de 5%. Esse resultado indica que a primeira hipótese da pesquisa (H₁), de que há uma relação positiva entre o CEO narcisista e os PAAs divulgados no relatório de auditoria independente, não pode ser rejeitada.

Esse resultado demonstra que os traços de personalidade narcisista do CEO influenciam negativamente o ambiente empresarial, já que esse tipo de profissional é mais propenso a atuar de forma fraudulenta (Rijsenbilt & Commandeur, 2013) e a agir contra os regulamentos e regras (Johnson *et al.*, 2013; Olsen & Stekelberg, 2016), aumentando, assim, os riscos organizacionais, bem como a probabilidade de exibir um alto risco inerente e de controle (Judd *et al.*, 2017), o que impacta o trabalho do auditor e a divulgação dos PAAs.

Tais achados reforçam a qualidade dos resultados obtidos por Araújo *et al.* (2020), Chatterjee e Hambrick (2007), Olsen, Dworkis e Young (2014), O' Reilly *et al.* (2017) e Rijsenbilt e Commandeur (2013), que identificaram uma influência dos traços de personalidade narcisista no ambiente empresarial, conforme preconizado pela Teoria do Alto Escalão.

Resultado semelhante foi identificado na relação entre narcisismo do CEO (NARC) e os PAAs em nível de entidade (NEPAAs), que apresentou uma relação estatisticamente significativa e positiva ao nível de 1%. Esse resultado também sugere que a segunda hipótese da pesquisa (H₂), de que há uma relação positiva entre o CEO narcisista e os PAAs em nível de entidade (NEPAAs) divulgados no relatório de auditoria independente, não pode ser rejeitada.

Esse resultado demonstra que os traços de personalidade narcisista do CEO influenciam o ambiente de controle da empresa, ou seja, o conjunto de políticas e diretrizes que é desenvolvido e operacionalizado para garantir razoável certeza acerca da confiança nos processos internos para a geração de informações fidedignas para elaboração das demonstrações contábeis (NBC TA 315, 2016), impactando, assim, os riscos identificados pelo auditor e, conseqüentemente, a divulgação dos PAAs.

Em relação à variável PAAs em nível de conta (NCPAAs), constatou-se que não há uma relação estatisticamente significativa com o narcisismo do CEO (NARC), contrariando a terceira hipótese da pesquisa (H₃), de que há uma relação positiva entre o CEO narcisista e os PAAs em nível de conta divulgados no relatório de auditoria independente.

Esse resultado dá indícios de que os traços de personalidade narcisista do CEO não influenciam diretamente os riscos de auditoria em nível de conta, ou seja, referentes a mensuração e divulgação de itens específicos das demonstrações contábeis, como, por exemplo, receitas, intangíveis, imobilizado e equipamentos (Sierra-García *et al.*, 2019), isso porque o CEO está mais relacionado a decisões estratégicas da empresa.

Dessa forma, os resultados demonstram que os traços de personalidade narcisista do CEO apresentam uma maior relação com os riscos de ambiente de controle da entidade (NEPAAs) do que com os riscos em itens específicos das demonstrações contábeis (NCPAAs), evidenciando-se a maior importância da percepção razoável da entidade diante dos reflexos de uma gestão não confiável nas demonstrações contábeis.

No que tange à variável tipo de firma de auditoria independente (*BigFour*), identificou-se que o Modelo 1 e o Modelo 2 apresentaram uma relação negativa e estatisticamente significativa com os PAAs em geral e com os PAAs em nível de entidade (NEPAAs), ao nível de 5%. Já no Modelo 3, não houve uma relação estatisticamente significativa entre os PAAs em nível de conta (NCPAAs) e o tipo de firma de auditoria (*BigFour*). Esses resultados guardam semelhança com os achados de Santos *et al.*, (2020) e Sierra-García *et al.*, (2019), que apontam para uma relação negativa e significativa com o tipo de firma de auditoria *Big Four*, tendendo a emitir menos PAAs e NEPAAs.

Em relação à variável tamanho (TAM), os resultados do Modelo 1 e do Modelo 2 apresentaram uma relação estatisticamente significativa com os PAAs em geral e com os PAAs em nível de entidade (NEPAAs) ao nível de 1%. Esse resultado está em linha com os achados de Abu e Jaffar (2020), que identificaram uma relação estatisticamente significativa com tamanho e com os PAAs. Os resultados demonstram que quanto maior for a empresa auditada, mais complexa é a sua operação, e, conseqüentemente, mais riscos serão identificados pelo auditor (Pinto & Morais, 2019). Ressalta-se, ainda, que segundo demonstrou o resultado do Modelo 3, os PAAs em nível de conta (NCPAAs) não apresentaram relação significativa com a variável tamanho (TAM), o que refuta os resultados obtidos por Kaveski e Cunha (2016) e Pinto e Morais (2019).

A variável ROA, ao se relacionar estatisticamente com as variáveis PAAs, NEPAAs e NCPAAs, não apresentaram relação significativa, demonstrando que a rentabilidade da empresa não influencia os riscos identificados pelo auditor. Esse resultado está em linha com os achados de Ferreira e Morais (2020) e Gomes *et al.* (2020).

No que tange à variável endividamento (END), os resultados demonstraram uma relação estatisticamente significativa com os PAAs em nível de entidade (NEPAAs), sugerindo que as empresas mais endividadas possuem maior número de PAAs em seus relatórios. Esse resultado encontra suporte na literatura, ao apontar que quanto maior for o endividamento, maior é o risco da empresa, e que, por isso, as auditorias são mais detalhadas e melhoram a identificação dos PAAs (Brighenti *et al.*, 2016; Kaveski & Cunha 2016; Pinto & Morais, 2019). Destaca-se que os resultados corroboram os achados de Ferreira e Morais (2020), que identificaram, nos mesmos moldes, uma relação estatisticamente significativa entre endividamento e PAAs, ao analisar a relação entre as características das empresas e os PAAs. Ressalta-se que, para as variáveis PAAs e NCPAAs, não foram encontradas relações estatisticamente significantes com o endividamento (END).

Por último, a variável crescimento de vendas (CRESVEND) não apresentou nenhuma relação de significância com os PAAs, NEPAAs e NCPAAs, denotando uma fraca relação entre tais construtos.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve por objetivo analisar a relação entre o CEO narcisista e os registros dos PAAs em nível da entidade e da conta, além do total dos PAAs divulgados no relatório

dos auditores independentes nas empresas listadas na B3, envolvendo o período 2016-2019, e cujos CEOs permaneceram no exercício do cargo por todo esse período. A análise dos dados foi realizada por estatística descritiva, análise de correlação e regressão linear múltipla, com dados em painel balanceado, efeitos fixos e erros-padrão robustos.

Os resultados sugerem que os traços de personalidade narcisista do CEO possuem uma relação significativa com os PAAs, não se rejeitando, portanto, a primeira hipótese da pesquisa (H₁). Verificou-se também que o CEO narcisista apresenta uma relação significativa com os NEPAAs, e, assim, também não se rejeita a segunda hipótese da pesquisa (H₂).

Tais resultados sinalizam que os traços de personalidade narcisista do CEO influenciam negativamente o ambiente empresarial, bem como o ambiente de controle interno da empresa, necessários para garantir razoável confiança nos processos internos para a geração de informações fidedignas para elaboração das demonstrações contábeis (NBC TA 315, 2016), e que tal influência aumenta os riscos organizacionais e impacta o trabalho do auditor quanto à identificação e à divulgação dos PAAs.

Verificou-se, ainda, que o CEO narcisista não apresenta uma relação significativa com os NCPAAs, sugerindo que nas empresas da amostra os riscos referentes a mensuração e divulgação de itens específicos das demonstrações contábeis podem não estar relacionados ao escopo de decisões do gestor principal, rejeitando-se, assim, a terceira hipótese da pesquisa (H₃).

Dessa forma, e com base na Teoria do Alto Escalão, conclui-se que o CEO narcisista influencia as decisões estratégicas da organização, e que, considerando-se os traços de sua personalidade, são propensos à adoção de decisões mais arriscadas, impactando o ambiente empresarial e de controle, com efeito na divulgação dos PAAs no relatório dos auditores independentes.

Os resultados aqui encontrados contribuem para ampliar a bibliografia sobre traços de personalidade narcisista do CEO e, especificamente, sua relação com os PAAs, NEPAAs e NCPASs, além de apresentar elementos para auditores e empresas auditadas sobre os principais riscos identificados em organizações gerenciadas por CEOs narcisistas.

Dentre as limitações desta pesquisa, destaca-se a amostra, constituída somente por empresas listadas na B3 que tiveram CEO com quatro anos de mandato, bem como, embora bastante adotada nos estudos sobre o tema, a *proxy* utilizada para o CEO narcisista. Assim, para futuras pesquisas, sugere-se a ampliação da base amostral e do intervalo temporal de investigação. Além disso, recomenda-se a adoção de distintas variáveis representativas do narcisismo dos gestores, bem como a análise de outros traços de personalidade do CEO, como, por exemplo, sadismo, maquiavelismo e psicopatia.

REFERÊNCIAS

- Abu, N. 'A., & Jaffar, R. (2020). Audit committee effectiveness and key audit matters. *Asian Journal of Accounting and Governance*, 14, 67-78.
- Anderson, J. R., & Tirrel, M. E. (2004). Too good to be true: CEOs and financial reporting fraud. *Consulting Psychology Journal: Practice and Research*, 56(1), 35-43.
- Apostolou, B. A., Hassell, J. M., Webber, S. A., & Sumners, G. E. (2001). The relative importance of management fraud risk factors. *Behavioral Research in Accounting*, 13(1), 1-24.
- Araújo, V. C., Góis, A. D., De Luca, M. M. M., & Lima, G. A. S. F. (2020). Narcisismo do CEO e o *tax avoidance* corporativo. *Revista de Contabilidade e Finanças – USP*, 32(85), 80-94.

- Boyle, D. M., DeZoort, F. T., & Hermanson, D. R. (2015). The effect of alternative fraud model use on auditor's fraud risk judgments. *Journal of Accounting Public Policy*, 34(6), 578-596.
- Brighenti, J., Degenhart, L., & Cunha, P. R. (2016). Fatores influentes nos honorários de auditoria: análise das empresas brasileiras listadas na BM&FBovespa. *Pensar Contábil*, 18(65), 16-27.
- Buyl, T., Boone, C., & Wade, J. B. (2019). CEO narcissism, risk-taking, and resilience: an empirical analysis in U.S. commercial banks. *Journal of Management*, 45(4), 1372-1400.
- Campbell, K. W., & Foster, C. A. (2002). Narcissism and commitment in romantic relationships: an investment model analysis. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28(4), 482-495.
- Campbell, K. W., Hoffman, B. J., Campell, S. M., & Marchisio, G. (2011). Narcisism in organizational contexts. *Human Resource Management Review*, 21, 268-284.
- Castro, W. B. L., Peleias, I. R., & Silva, G. P. (2015). Determinantes dos honorários de auditoria: um estudo nas empresas listadas na BM&FBovespa, Brasil. *Revista Contabilidade e Finanças – USP*, 26(69), 261-273.
- Chatterjee, A., & Hambrick, D. C. (2007). It's all about me: narcissistic chief executive officers and their effects on company strategy and performance. *Administrative Science Quarterly*, 52, 351-386.
- D'Souza, M. F., Aragão, I. R. B. N., & De Luca, M. M. M. (2018). Análise da ocorrência de maquiavelismo e narcisismo no discurso nos relatórios administrativos de empresas envolvidas em escândalos financeiros. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 12(3), art. 7, 402-420.
- Fatfouta, R. (2019). Facets of narcissism and leadership: a tale of dr. Jekyll and mr. Hyde? *Human Resource Management Review*, 29, 1-12.
- Ferreira, M. P., Oliveira, R. M., Rech, I. J., & Zanolla, E. (2020). Value relevance da recompra de ações para o mercado brasileiro de capitais. *Reunir: Revista de Administração, Ciências Contábeis e Sustentabilidade*, 10(3), 60-70.
- Foster, J. D., & Campbell, W. K. (2007). Are there such things as “narcissists” in social psychology? A taxometric analysis of the narcissistic personality inventory. *Personality and Individual Differences*, 43, 1321-1332.
- Góis, A. D., & Soares, S. V. (2019). O efeito da reputação corporativa, segundo a transparência contábil, no gerenciamento de resultados de empresas listadas na B3. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 13(2), 219-234.
- Gomes, A. S. B., Mello, L. C. O., & Gordiano, C. A. S. G. (2020, novembro). Principais assuntos de auditoria e as características das empresas auditoras e auditadas no mercado brasileiro. *Anais do Semead – Seminários em Administração*, São Paulo, SP, Brasil, 23.
- Hammersley, J. S. (2011). A review and model of auditor judgments in fraud-related planning tasks. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 30(4), 101-128.
- Heiman-Hoffman, V. B., Morgan, K. P., & Patton, J. M. (1996). The warning signs of fraudulent financial reporting. *Journal of Accountancy*, 182(4), 75-78.
- Hambrick, D. C., & Mason, P. A. (1984). Upper echelons: The organization as a reflection of its top managers. *The Academy of Management Review*, 9(2), 193-206.

- Johnson, E. N., Kuhn, J. R., Apostolou, B. A., & Hassell, J. M. (2013). Auditor perceptions of client narcissism as a fraud attitude risk factor. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 32(1), 203-219.
- Judd, J. S., Olsen, K. J., & Stekelberg, J. (2017). How do auditors respond to CEO narcissism? Evidence from external audit fees. *Accounting Horizons*, 31(4), 33-52.
- Kaveski, I. D. S., & Cunha, P. R. (2016). Fatores determinantes dos honorários da auditoria das empresas listadas no Novo Mercado da BM&FBovespa. *Revista Contabilidade, Gestão e Governança*, 19(1), 49-63.
- Kets de Vries, M. F. R. (1994). The leadership mystique. *Academy of Management Executive*, 8(3), 73-89.
- Kontesa, M., Brahmana, R., & Tong, A. H. H. (2021). Narcisistic CEOs and their earnings management. *Journal of Management and Governance*, 25, 223-249.
- Lennox, C. S., Schmidt, J., & Thompson, A. (2018). Is the expanded model of audit reporting informative to investors. *Evidence from the UK [Verkkodokumentti][Viitattu 29.11.2017] Saatavilla <https://ssrn.com/abstract,2619785>*.
- Li, H., Hay, D., & Lau, D. (2019). Assessing the impact of the new auditor's report. *Pacific Accounting Review*, 31(1), 110-132.
- Lima, J. E. N. C., De Luca, M. M. M., Lima, G. A. S. F., & Vasconcelos, A. C. (2020, novembro). CEO narcisista e honorários de auditoria. *Anais do Congresso UNB de Contabilidade e Governança*, Brasília, DF, Brasil, 22.
- Mello, L. C. O., Araújo, P. G. L., & De Luca, M. M. M. (2020). Impacto do novo relatório dos auditores independentes nos honorários dos auditores. *Revista Contabilidade Vista & Revista*, 32(1), 183-217.
- Miller, J. D., & Campbell, W. K. (2008). Comparing clinical and social-personality conceptualizations of narcissism. *Journal of Personality*, 76, 449-476.
- Morf, C. C. & Rhodewalt, F. (1993). Narcissism and self-evaluation maintenance: explorations in object relations. *Personality and Social Psychology*, 19(6), 668-676.
- Olsen, K. J., Dworkis, K. K., & Young, S. M. (2014). CEO narcissism and accounting: a picture of profits. *Journal of Management Accounting Research*, 26(2), 243-267.
- Olsen, K. J., & Stekelberg, J. (2016). CEO narcissism and corporate tax sheltering. *The Journal of the American Taxation Association*, (38)1, 1-22.
- O'Reilly, C. A., Caldwell, D. F., Chatman, J. A., & Doerr, B. (2014). The problems and promise of organizational culture: CEO personality, culture, and firm performance. *Group & Organization Management*, 39, 595-625.
- O'Reilly, C. A., Doerr, B., & Chatman, J. A. (2017). "See you in court": how CEO narcissism increases firms' vulnerability to lawsuits. *The Leadership Quarterly*, 29(3), 365-378. <https://doi.org/10.1016/j.leaqua.2017.08.001>
- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The dark triad of personality: narcissism, machiavellianism, and psychopathy. *Journal of Research in Personality*, 36(6), 556-563.
- Pinto, I., & Morais, A. I. (2019). What matters in disclosures of key audit matters: evidence from Europe. *Journal of International Financial, Management & Accounting*, 30(2), 145-162.

- Resolução CFC n. 2016/NBCTA315, de 04 de julho de 2016.* (2016). Identificação e avaliação dos riscos de distorção relevante por meio do entendimento da entidade e do seu ambiente. Recuperado em 17 de agosto de 2021 de [https://www1.cfc.org.br/sisweb/SRE/docs/NBCTA315\(R1\),2016/NBCTA315\(R1\).pdf](https://www1.cfc.org.br/sisweb/SRE/docs/NBCTA315(R1),2016/NBCTA315(R1).pdf)
- Rijsenbilt, A., & Commandeur, H. (2013) Narcissus enters the courtroom: CEO narcissism and fraud. *Journal of Business Ethics*, 117(2), 413-429.
- Santos, K. L., Guerra, R. B., Marques, V. A., & Maria, E., Júnior. (2020). Os principais assuntos de auditoria importam? Uma análise de sua associação com o gerenciamento de resultados. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 14(1), 56-77.
- Sierra-García, L., Gambetta, N., García-Benau, M. A., & Orta-Pérez, M. (2019). Understanding the determinants of the magnitude of entity-level risk and account-level risk key audit matters: the case of the United Kingdom. *The British Accounting Review*, 51, 227-240.
- Silva, A., Cunha, P. R., & D'Souza, M. F. (2020, julho) Influência do dark tetrad de executivos no gerenciamento de resultados. Anais da *USP International Conference in Accounting*, São Paulo, SP, Brasil, 20.
- Souza, B. F., & Nardi, P. C. C. (2018). Influência da opinião do auditor no retorno das ações das empresas brasileiras de capital aberto. *Revista Contabilidade, Gestão e Governança*, 21(2), p. 250-270.